



Menorizar os sindicatos é trabalhar para agudizar os conflitos sociais

A liberdade e o sindicalismo

O pai do liberalismo, Tocqueville, ganhou muito prestígio por ter antecipado intelectualmente o que viria a acontecer no século seguinte. Qual Nostrodamus, notou como - nos tempos em que as paixões democráticas na Europa napoleónica ansiavam por igualdade já! - a liberdade poderia ser negligenciada e preterida, desde que o despotismo (populismo, diríamos nós actualmente) parecesse sintonizar-se com as ânsias populares.

Esta oposição entre os valores modernos afirmados pela Revolução Francesa, entre a igualdade e a liberdade, vieram, de facto, a dominar todo o século XX, opondo a União Soviética aos EUA. Nesse tempo, uma das maiores contradições do regime do socialismo real foram as limitações impostas às organizações sindicais dos trabalhadores, alegadamente sustentáculos políticos dos regimes políticos vigentes. Ao contrário, no Ocidente, os sindicatos gozaram de amplas liberdades e de um estatuto de parceiros sociais autónomos mas integrados no aparelho de Estado, como forma de institucionalizar as pressões socializantes, as tendências igualitárias, que continuavam a fazer-se sentir muitas dezenas de anos após a Revolução e em face das ideologias políticas oriundas do mundo soviético.

Com o fim da guerra fria, as conjunturas mudaram de carácter. Com a convicção activa do fim da história, do fim

das ideologias, ainda que não corresponda à realidade, com a simples convicção de que a liberdade não só foi um valor vencedor da luta fratricida entre duas versões da modernidade, mas também é irreversível, chegou-se à grande mentira: a guerra pelo petróleo apresentou-se como uma guerra de civilização (a Fé e o Império, lembrem-se?) e a luta anti-sindical levada a cabo inclusive por partidos com o nome de socialistas é travada em nome da democracia.

Como diria um político conhecido, podemos errar, torturar, matar. Mas nós investigamos e assumimos publicamente os nossos próprios erros (enquanto formos sociedades abertas, é preciso acrescentar). Ora, será que continuamos a sê-lo? Será que, por exemplo, o princípio da igualdade perante a lei está ainda em vigor, nos EUA e em Portugal? Será que os checks and balances tradicionalmente utilizados na luta social, nomeadamente nos mercados de trabalho, estão a funcionar? Será que os tribunais de trabalho fazem justiça aos trabalhadores quando estes se confrontam com as empresas que os contrataram? E quando as empresas são muito poderosas mesmo, se nem os Estados as conseguem controlar - como no caso das deslocalizações - como é que os trabalhadores se podem defender?

A globalização traz consigo problemas de deslegiti-

Elísio Estanque

mação do Estado, em particular no aspecto em que às empresas é, na prática, reconhecido um estatuto de impunidade prática - que, de resto, justifica os paraísos fiscais organizados pelos próprios Estados. Nestas circunstâncias, quando os Estados têm por base de apoio aquelas pessoas que menos possibilidade têm de se deslocalizar - os trabalhadores - como se dá o caso de estarem a ser as organizações sindicais aquelas que estão a ser alvo de desqualificação política por parte de governos a braços com consolidações orçamentais decorrentes das limitações que tenham de cobrar impostos? É pura preguiça dos governantes, que não querem pagar os custos de uma sociedade aberta? Ou será a predominância da tão lucrativa vontade da mistura de interesses públicos e interesses privados? Ou as duas coisas ao mesmo tempo?

Os sindicatos não são organizações perfeitas e muitos deles deixam muito a desejar quanto ao seu funcionamento de representação democrática. É verdade a sua fragilização nas últimas décadas. Mas não haja ilusões: os sindicatos são aquilo que deles fazemos: governantes, patronato e sindicalizados. Menorizar os sindicatos é trabalhar para agudizar os conflitos sociais, numa altura em que a desorganização, desorientação e desmoralização da sociedade portuguesa são evidentes. A quem servirá tal política? *Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra*